

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

ANO VII — N.º 217

MENSAL

Director: ALEXANDRE VAZ

26 DE MAIO DE 1994



PREÇO: 50\$00

TAXA PAGA
4700 BRAGA
PORTUGAL

A explicação que se impõe

Os leitores já devem ter reparado que, no topo de «A VOZ DA ABADIA», aparece a palavra «Mensal».

Esta alteração de um periódico quinzenal para um periódico mensal exige, da nossa parte, uma explicação aos muitos que nos lêem e a outros que têm acompanhado, com agrado, a par e passo, o esforço e o empenhamento, nem sempre reconhecido por uns tantos, que temos dedicado a este órgão regional de informação, de matriz católica apostólica-romana.

Para evitar um mal pior, prometemos aos nossos estimados assinantes, e leitores em geral, de que vamos manter «A VOZ DA ABADIA», neste momento, com grande implantação e certo impacto, sobremodo, junto dos emigrantes, vivo, actuante, dinâmico, apesar das dificuldades diversas em o colocar a horas nos familiares, porque valeu a pena há oito anos alguém ou alguns tê-lo fundado à sombra protectora de Nossa Senhora da Abadia.

Alguns embaraços vencidos, sendo um dos poucos órgãos da imprensa, afectos à Igreja Bracarense, entendemos seguir em frente, pois selámos um compromisso com todas as gentes de Entre-Homem-e-Cávado, que nós merecemos, e elas nos merecem.

Perante dificuldades, allás inerentes a toda a imprensa regional, mormente a da falta de colaboração e apoio, sobretudo por parte daqueles que, por afinidade de evangelização, têm uma maior responsabilidade e dever imperioso no campo da pastoral comunitária, temos, infelizmente, de nos render à evidência.

Por isso, pedimos a todos os assinantes, benfeitores, leitores, anunciantes, paróquias e outras várias entidades a melhor compreensão para o facto consumado.

Este jornal, como têm verificado, está aberto a todas as correntes de opinião não enjeita críticas e observações, logo que por bem e fundadas, venham elas donde vierem. Se alguém ou algum grupo, está descontente com o rumo dado em «A VOZ DA ABADIA», deve assumi-lo por inteiro, em troca de andar morbidamente a murmurar ou a digerir, à sobreposse, pelas esquinas ou becos, solicitamos-lhe que nos mande em carta ou em artigo de opinião, devidamente assinado, a sua crítica, o seu dissabor, o seu ponto de vista e a sua perspectiva sobre os temas ou comentários neste jornal abordados. Até hoje, ainda não nos recusamos a publicar uma ou outra. Mandem muitas cartas e muitos artigos e, depois, ao findar do ciclo ou, como quem diz, ao lavar dos cestos da vindima, faremos o franco e lhano contraponto, como irmãos que somos e como cristãos que nos honramos de ser. Ninguém é detentor da verdade inteira. Mas temos de ser humildes, sinceros e leais uns com os outros.

«A VOZ DA ABADIA» não pode fechar as portas, a qualquer preço, por muito alto que seja.

E não vai fechá-las.

Nós vamos aqui reiterar todo o nosso labor e entusiasmo redobrados para que «A VOZ DA ABADIA» seja uma chama a iluminar os espíritos e uma luz a guiar-nos a caminho do Pai.

O Director

NO PRÓXIMO DOMINGO — 29 DE MAIO

PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA

• Concentração às 9 horas no Terreiro de Bouro

É já no próximo domingo,

29 de Maio

a Peregrinação

ao Santuário de Nossa

Senhora da Abadia,

Amares, no Ano

Internacional da Família,

à qual preside

Sua Ex.^a Rev.^a o Senhor

Arcebispo Primaz.

A concentração será como

de costume, no Terreiro

de Bouro, pelas 9 horas.

As comunidades

paroquiais e os

peregrinos com

bandeiras, guiões

e estandartes, dirigem-se

a pé para o Santuário,

que após a chegada

haverá a Santa Missa.

PÁGINA 4



AMARES

DEFICIENTES TÊM TRANSPORTE PÚBLICO

• Misericórdia colabora

Por despacho do sr. Ministro do Emprego e Segurança Social, a Santa Casa da Misericórdia local, acaba de ser contemplada com um subsídio eventual de 7.000 contos, para a compra de uma carrinha adaptada, para transporte dos Deficientes.

Compondo, a Equipa Concelhia de Amares, para a Reabilitação dos Deficientes do Concelho, a Santa Casa, tem desde os últimos seis anos, apoiado as crian-

ças deficientes, quer integrando crianças portadoras de deficiência, nas suas valências, quer, apoiando iniciativas para a sua reabilitação escolar e social. E é, assim, que colabora com a Equipa Concelhia para celebrar todos os anos, em Dezembro, o Dia Nacional do Deficiente tornando esse dia uma jornada de sensibilização para esta problemática, juntando de-

(Continua na pág. 2)

SUMÁRIO

Pelo Santuário

PÁGINA 3

VIII Centenário da chegada da Ordem de Cister a Bouro

PÁGINA 5

A minha coluna

PÁGINA 8

Desporto

PÁGINA 9

Crónicas Selvagens

PÁGINA 10

a voz da abadia

A VOZ DAS GENTES DE ENTRE HOMEM E CÁVADO

Quinzenário regionalista e independente

DIRECTOR

Prof: Alexandre Vaz

DIRECTOR-ADJUNTO

José Fillipe

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Santuário de Nossa Senhora da Abadia

Santa Maria de Bouro

4720 AMARES

Telefone (053) 371197

PROPRIETÁRIO

Confraria de Nossa Senhora da Abadia

DEPÓSITO LEGAL N.º 12453/86

COMPOSTO E IMPRESSO

EDITORA CORREIO DO MINHO/SM

Palácio de Exposições e Desportos

Telefone 74087

4703 BRAGA CODEX

ASSINATURA ANUAL: 1.200\$00

NÚMERO AVULSO: 50\$00

TIRAGEM MÉDIA MENSAL

3.500 EXEMPLARES

DIVULGUE E ASSINE

a voz da abadia

Colabore connosco na expansão deste jornal.

Faça dos seus Amigos assinantes de «A Voz da Abadia» — enviando-nos, devidamente preenchido, este cupão.

NOME _____

MORADA _____

Assinatura Anual (1.200\$00)

Assinatura Bi-anual (2.400\$00)

Assinatura de Benfeitor ()

Renovação da Assinatura (Anos:)

*Nas páginas
deste Jornal
o seu nome
nunca fica mal...*

**Por isso anuncie
n'A VOZ DA ABADIA**

AMARES

DEFICIENTES TÊM TRANSPORTE PÚBLICO

• Misericórdia colabora

(Continuação da 1.ª pág.)

deficientes, familiares, entidades oficiais e particulares, para em conjunto, darem as mãos e unirem esforços, minorando a sua marginalização, já que o Deficiente, é perante a lei, igual a qualquer cidadão.

A Santa Casa da Misericórdia, querir mais longe e dispõe já de um terreno de 7.000 m² na Vila para que a A.P.P.A.C.D.M. (Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental) edifique, nesse terreno, um Lar de Acolhimento e oficinas apropriadas, para Deficientes. A

ocupação dos deficientes, em trabalhos protegidos e o Lar de Acolhimento, vem ao encontro não só, da potencialidade dos deficientes, mas também, para demonstrar que ainda podem ser úteis à sociedade.

Pôr as suas capacidades laborais, ao serviço da humanidade, e sendo acolhidas em Lares, apropriados, os Deficientes reabilitam-se, e a família, sobretudo os pais, sentem-se mais descansados, quando um dia os tiverem que deixar entregues à sociedade.

Enquanto que em idade escolar, as crianças deficientes deste Con-

celho, já têm uma Sala de aulas a funcionar, integrada numa Escola Primária, normal, é preciso, começar desde já, a concretizar-se a outra fase da vida do cidadão deficiente, que é a sua integração na vida laboral. Para isso, se apela às entidades envolvidas nomeadamente à A.P.P.A.C.D.M., e à Segurança Social que não deixem morrer esta esperança — chama da vida — e que vá contando com o trabalho e esforço da Equipa Concelhia e da cedência do terreno, já concretizada, pela Misericórdia de Amares.

Os Deficientes de Amares, já têm Sala de

Aula, Alimentação assegurada, Transportes apropriados, professoras vocacionadas, para o ensino integrado. Agora, vai-se trabalhar para a fase seguinte: Lar de Acolhimento e Oficinas de Trabalho Protegido. — C.

Pensão

UNIVERSAL

ABERTA TODO O ANO

Restaurante

EM

TERMAS

DE CALDELAS

Telefones 36236 / 36286

4720 AMARES

AGRO-AMARES

COMÉRCIO DE PRODUTOS AGRÍCOLAS, LDA.

• PESTICIDAS

• ADUBOS

• ALFAIAS AGRÍCOLAS

• COLMEIAS

• PLÁSTICOS

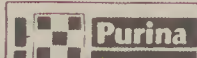
• REDES

• RAÇÕES

TRATAMOS

DE TER TUDO

Consulte-nos



DISTRIBUIDOR

BARRIO - FERREIROS - TELEF. 993754 - 4720 AMARES



Cooperativa Agrícola
dos Fruticultores
de Braga, C.R.L.

Venda por junto e a retalho de frutas:

MAÇÃS, PÊRAS, PÊSSEGOS, NACTARINAS,
CITRINOS, MORANGOS, KIWI, ETC.

Com posto de venda junto ao Mercado de Braga

Entre Pontes - Lago - 4720 AMARES - Telef. 311737/312880 (R. Braga)



FÁBRICA
DE FATOS
CASACOS
CALÇAS

de alta categoria!

À venda nos bons estabelecimentos

PONTE DOS FALCÕES
MAXIMINOS - 4700 BRAGA

TELEFONE 71210
TELEX 32288 FACHO

PELO SANTUÁRIO



VISITAS

Nos dias 23 a 25 de Abril estiveram nos «Quartéis de Lima» os escuteiros de S. Romão da Vinha, Barcelos.

Fizeram na Abadia um curso de escutismo: o mau tempo não lhes permitiu que acampassem; poucas explorações fizeram.

No dia 24 participaram na primeira missa para cumprirem o preceito de santificar o domingo o dia do Senhor.

Solenizaram a eucaristia com cânticos e com a sua presença, todos fardados, dispostos ordenadamente conforme a secção a que pertencem no escutismo.

Nos mesmos dias estiveram acampados no Olival da Abadia os seus vizinhos, os escuteiros da freguesia de Cervães, Vila Verde.

No dia 25 de Abril, um grupo de fiéis numa capela que pastoralmente está confiada aos padres beneditinos de Singeverga, veio para a Abadia com o padre António Fernandes realizar o seu convívio anual.

O padre Fernandes celebrou-lhes a eucaristia no Santuário; antes rezaram o terço na visita que fizeram às capelas da Paixão de Nosso Senhor.

Nos cânticos, nas leituras, na oração dos fiéis e nos rituais em que participaram activamente, mostravam a boa formação litúrgica que tinham e a devoção com que estavam na eucaristia.

Na homilia, explicando os textos das leituras da missa de S. Marcos, apresentou as verdades que eles tinham e que se aplicavam à vida de cada um.

Advertiu que Nosso senhor censurou a falta de fé, dos discípulos e dos apóstolos na sua Ressurreição: temos de acreditar que Ele ressuscitou.

Na introdução à saudação da paz, disse que a paz era um sinal da nossa fé na Pessoa de Nosso Senhor e na nossa ressurreição.

No dia 29 de Abril, os escuteiros de Carvoeiro, Viana do Castelo, com o pároco, o padre Cesário, visitaram a Abadia no seu passeio-convívio.

Gastaram uma hora na Abadia para a verem mais uma vez; rezaram no Santuário; andaram pelas capelas; brincaram no ribeiro; e viram e admiraram o Museu.

Depois continuaram o passeio pelo S. Bento e pelo Gerês.

PAGAMENTO DE ASSINATURAS

Tiveram a amabilidade de pagar as suas assinaturas os seguintes assinantes:

Dr. Camilo Batista de Sousa, Lisboa (1994)	1.500\$00
João Joaquim da Rocha, Odivelas (1994)	1.200\$00
Teresinha do menino Jesus de Sousa, Porto (1994)	1.500\$00
Armindo José de Sá, Bouro (1994)	1.200\$00
Francisco Alves da Quinta Gomes, Amares (1994)	1.200\$00
Fernanda de Jesus Marques, Amares (1993)	1.500\$00
Sameiro Leão, Amares (1993)	1.500\$00
Luís Arantes Rodrigues, Amares (92/93)	2.400\$00
D. Maria de Jesus Pereira, Goães (1994)	1.200\$00
António Antunes Carneiro, Bouro (1994)	1.200\$00
Eugénio Martins Almeida, Chorense (1994)	1.200\$00
Bernardino da Silva Afonso, Bouro (1994)	1.200\$00
Padre Narciso Carneiro Fernandes, Ruilhe (91/94)	5.000\$00
Narciso de Deus Fernandes, Bouro (93/94)	3.000\$00
Manuel José Ferreira Rodrigues, Sta. Marta (1993)	1.200\$00
José Manuel Martins Dias, Sta. Isabel (1994)	1.200\$00
Abílio de Deus Machado, Braga (93/94)	1.500\$00
Domingos Pereira Fernandes, Goães (93/94)	2.400\$00
Ernesto da Silva, Proselo (92/93)	2.000\$00
António Manuel Domingues, Guardenha (1994)	1.200\$00
António Domingues Ferreira, Sta. Isabel (1994)	1.200\$00
Domingos Ribeiro da Silva, Braga (1993)	1.500\$00
António José Pereira Corcel, Ferreiros-Amares (1993)	1.500\$00

PROMESSAS

Promessas que se receberam no mês de Abril, feitas a Nossa Senhora da Abadia:

Manuel Afonso Pereira, Caldelas	1.200\$00
Teresa Castro Faria, Ruilhe-Braga	1.000\$00

OFERTAS

Ofereceram a Nossa Senhora para o seu Santuário da Abadia:

P.º Narciso Carneiro Fernandes, Ruilhe-Braga	42.000\$00
José Cândido Antunes Cerqueira, Vilarinho-Valdosende	12.500\$00
Anónimo	5.000\$00
Abílio de Deus Machado	1.000\$00
Custódia Vieira, Bouro (Sta. Maria)	1.000\$00

HORÁRIO DAS MISSAS

Nos domingos e dias santos de guarda, de Abril ao fim de Setembro, durante a hora de Verão:

- 1.ª Missa — Às 09,30 horas
- 2.ª Missa — Às 11,30 »
- 3.ª Missa — Às 17,00 »

Nestes meses a Missa Vespertina aos sábados é às 18,30 horas.

Talho Viveiras, Lda.

Especialidades em:

CARNES DE VACA E VITELA
RAÇA BARROSÃ

PRAÇA DO COMÉRCIO — TELEF. 993242
FEIRA NOVA 4720 AMARES

CM CASA MACEDO

DE - José Cassiano Gonçalves Macedo

TECIDOS • MALHAS • CONFECÇÕES • PRONTO A VESTIR
CALÇADO • MIÚDEZAS, ETC. — EMP. S/ PÊNHORES

Praça do Comércio, 102 a 106
Telefone 993176 4720 AMARES

AVISO

ENCONTROU-SE NO ADRO DO SANTUÁRIO, UMA PULSEIRA DE CRIANÇA. ENTREGA-SE A QUEM PROVAR QUE LHE PERTENCE.

CARDOSO DA SAUDADE



- FATOS
- CALÇAS
- CASACOS
- BLUSÕES

ARTIGOS DE ALTA QUALIDADE
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA

CARDOSO DA SAUDADE

LARGO DE SANTA CRUZ — BRAGA

PEREGRINAÇÃO AO SANTUÁRIO DE
NOSSA SENHORA DA ABADIA
A M A R E S

ANO INTERNACIONAL DA FAMÍLIA

**Domingo
29 Maio
1994**



Concentração
às 9 horas no
Terreiro de Bouro

Sob a presidência
de Sua Ex.^ª Rev.^ª
**O SENHOR
ARCEBISPO PRIMAZ**

SANTA MISSA :
Após chegada ao
Santuário

As comunidades paroquiais e os peregrinos com bandeiras, guíões e estandartes, dirigem-se a pé para o Santuário.

Senhora da Abadia, movimenta o entusiasmo da nossa juventude para a generosidade.

Quem reza neste Santuário leva as bênçãos da S.^ª da Abadia, nossa Mãe do Céu para a vida.

LOUVEMOS A SENHORA DA ABADIA

- 1 - Maria gosta de ver nos seus filhos as virtudes por Ela praticadas: Pureza, Humildade e Caridade. (Santo Cura d'Ars)
- 2 - No Santuário da Nossa Senhora da Abadia, revela-se o coração maternal da Mãe de Deus e dos Homens. Ela é o refúgio dos pecadores.
- 3 - A Ave Maria bem rezada, isto é, com atenção e modéstia é, segundo os Santos, a inimiga do demónio que o põe em fuga, é o martelo que o esmaga, é a santificação da alma, é um orvalho do Céu que a torna fecunda, é um beijo amoroso que se dá a Maria, é uma rosa perfumada que se lhe oferece, é néctar divino que se lhe apresenta. (S. Luis de Monfort)
- 4 - Quereis que a paz reine nas Vossas Famílias e na Vossa Pátria? Rezai todos os dias em Família o terço. Ele é a oração comunitária e doméstica !... (S. Pio X)
- 5 - Oh puríssima Senhora, verdadeira Mãe de Deus, sempre Virgem Santa Senhora da Abadia, sempre intacta e imaculada em Corpo e Alma. Oh Senhora da Abadia do monte da Roda e S. Miguel, do Rio Nava, da natureza envolvente que Te contempla extasiada, rogai por nós.

AOS JOVENS

- 1 - Coragem Jovens. Cristo, chama-vos e o mundo precisa de Vós. Voltai-vos para Cristo a fim de obter d'Ele a resposta sobre o que é bem e o que é mal.
- 2 - O Jovem de que fala o Evangelho, foi convidado por Cristo. Não soube decidir-se e permaneceu com os seus bens e a sua tristeza.
- 3 - Sêde conscientes e responsáveis. Estai atentos ao que valeis. A Igreja e o mundo esperam por vós.
- 4 - O mundo que desponta é dos nossos Jovens. Mas é preciso que eles o encarem com o coração limpo e com intenções generosas. Para tanto todas as ajudas são poucas. (João Paulo II)

No Santuário da Senhora da Abadia rezamos todos os dias a Maria Santíssima pela nossa Pátria, pelas famílias e recomendamos as intenções dos peregrinos.

A FAMÍLIA

- 1 - Chegou a hora - e esperamos que não seja tarde - de levar a sério os sinais, avisos e apelos, presentes em tantos acontecimentos trágicos contemporâneos de que para "salvar" os homens é preciso primeiro salvar as "famílias".
- 2 - A família é a última esperança para o nosso tempo se lhe forem reconhecidos os direitos fundamentais, se for defendida e protegida dos gérmenes da dissolução, degradação e da sua vida íntima.
- 3 - Quem ignora o peso da família, na vida social e cultural, na educação e na organização económica, na saúde pública e na segurança social ?...
- 4 - Os pais e os agentes da pastoral estejam atentos a preparação dos jovens para o casamento e futuras responsabilidades.
- 5 - Os direitos da Família não podem ser ignorados. Os pais têm o direito de educar os filhos conforme as suas convicções morais e religiosas, tendo presentes as tradições culturais da família... o direito de escolher livremente as escolas, os meios necessários para educar os filhos, segundo as suas consciências.
- 6 - A Família tem o direito a uma habitação decente, apta para a vida familiar, num ambiente fisicamente sã e que ofereça os serviços básicos para a família e comunidade.

***** ORAÇÃO *****

Ó Maria, Senhora da Abadia, Mãe de Misericórdia, velai sobre todos nós para não desvirtuarmos a Cruz de Cristo, para que o homem não se extravie do caminho do bem, não perca a consciência do pecado, mas cresça na esperança em Deus "rico de misericórdia", cumpra livremente as boas obras e toda a vida seja assim, "para louvor da Sua glória".

Senhora da Abadia, velai pelas nossas famílias, que em vós confiam.

**VISITE O SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ABADIA !
É O MAIS ANTIGO DE PORTUGAL E QUIÇÁ DAS ESPANHAS**

Cânticos

- CÂNTICO DE ENTRADA:** — Eu caminharei
C. Todos, n.º 18.
- SALMO:** — Missa da SS.^{ma} Trindade.
- ALELUIA:** — Cantemos
C. Todos, n.º 68.
- OFERTÓRIO:** — É nossa oferta
Com Todos, n.º 64.
- SANTO:** — C. Todos, n.º VIII (pág. amarelas).
- COMUNHÃO:** — Eu sou o Pão Vivo
Revista de Música Sacra, n.º 36, pág. 20.
- «O Senhor alimentou-nos»
Revista de Música Sacra, n.º 60, pág. 17.
- ACÇÃO DE GRAÇAS:** — Honra e Glória
Revista de Música Sacra, n.º 1 — 2.ª Série, pág. 11.

FINAL: «HINO À SENHORA DA ABADIA»

1. A Senhora da Abadia
Nos altos montes erguida
É luz para os nossos passos
É farol da nossa vida.
2. A Senhora da Abadia
Está na raiz do monte
Dá-nos a graça de Deus
E água da sua fonte.
3. A Senhora da Abadia
Pede a Deus por todos nós
Para mantermos inteira
A fé dos nossos avós.
4. A Senhora da Abadia
Nossa Mãe do coração
Nas doenças e trabalhos
Dá-nos sempre a sua mão.
5. A Senhora da Abadia
Com a luz do seu sorriso
Esperamos nos conduza
Às portas do Paraíso.
6. A Senhora da Abadia
É nossa Estrela do Norte,
Orienta-nos na vida,
Acompanha-nos na morte!

VIII CENTENÁRIO DA CHEGADA DA ORDEM DE CISTER A BOURO

É providencial que agora, quando se está a trabalhar com todo o empenho em instalar de novo a Ordem de Cister em Portugal, e precisamente quando estão os olhos postos no Mosteiro de Santa Maria de Bouro, nos encontremos com uma data de grande relevância histórica como é o VIII Centenário da chegada dos Monges de Cister a este Mosteiro, ou se quisermos, das transformações das estruturas do mesmo pois trata-se de um antigo mosteiro beneditino.

Quero esclarecer, no entanto, que esta data não foi um acontecimento definitivo, mas sim muito provável.

É o que afirma Cocheril: «A filiação (de Bouro) à Ordem de Cister deve ter-se verificado em fim de século, talvez por volta de 1195», afirmação que podemos considerar válida pois não há documentos que a contradigam.

SANTA MARIA DE BOURO

Foi um dos Mosteiros mais importantes que teve a Ordem de Cister em Portugal. Situado na margem direita do Rio Cávado, não distante da actual Vila de Amares, no distrito de Braga, província do Minho, as suas origens são muito remotas, começando por ser um centro eremítico, visto que consta que já no século XII se viviam ali as regras beneditinas.

Antes da integração de Bouro na Ordem de Cister, houve por aqueles lados um eremita chamado Lourenço, cuja fama de Santidade atraía multidões. Entre os discípulos que se colocaram sobre as suas orientações, esteve um ilustre cavaleiro que vivia na Corte Lusitana, chamado Payo Amado, que era casado e quando nasceu o seu 2.º herdeiro, uma rapariga, morreu-lhe a esposa, não mais voltando a casar.

Reorganizou a sua vida, na aceitação cristã dos planos de Deus, e sentia-se muito feliz, dedicou-se à educação dos seus filhos, mas os designios de Deus são indiscutíveis. Quando menos esperava, aquela filha a quem amava com delírio, morreu também em plena *meninice*. O coração do pai ficou destroçado, mas não desesperou, foi sim o ponto de partida para dar uma volta radical na sua vida.

Depois de confiar a *custódia* e formação do filho, ao conde D. Henrique, apressou-se a colocar-se sob a direcção do abade Lourenço, encetando uma vida Santa de tanta perfeição, que com o decorrer do tempo, morrendo o abade, os monges nem pensaram noutro para lhe suceder.

Mais tarde, os monges de Bouro incorporaram-se na Ordem de Cister, fenómeno muito frequente naqueles tempos, porque com esta mudança era suposto abraçar com maior rigor as regras de São Bento. A crónica mais aceitável, assinala que a passagem para a Ordem de Cister se fez no ano de 1195.

O SANTUÁRIO DA ABADIA

A mudança das estruturas, adoptando as observâncias cistercenses, levaram ao mosteiro, o esplendor que o demarcava de todos os centros religiosos do país.

Entre as grandes obras atribuídas aos monges de Bouro, destaca-se, por terem sido os seus criadores e capelães, o Santuário da Virgem Maria, honrada com o nome de Nossa Senhora da Abadia que é hoje, um dos santuários Marianos mais atraentes e venerados de Portugal.

É lei *comum*, que Deus escolhe sempre gente *pobre*: crianças, humildes pastores ou vaqueiros, pessoas incul-tas..., para fazer participantes das graças celestiais e revelar à humanidade, os grandes mistérios por meio de aparições celestes.

Desta vez falhou a forma tradicional.

Queriu descobrir um precioso tesouro que estava oculto nas montanhas que rodeiam Bouro e apareceu, não a pastorinhos, como doutras vezes, mas sim àquele antigo sábio que se tinha retirado para fazer uma vida de penitente nas *entranhas* da Serra do Gerês.

Descoberta a sagrada imagem, começaram a prestar-lhe fervoroso culto, espalhando a sua devoção pelo povo da região.

Nossa Senhora da Abadia é o Santuário de *devoção* Mariana mais antigo de Portugal, terra de Maria Santíssima que tantas vezes experimentou as carícias maternais da Santíssima Virgem.

UMA DATA CHAVE

Quero referir que hoje, graças à iniciativa e entusiasmo do Sr. Manuel Lopes, bibliotecário da Póvoa de Varzim, há um projecto ambicioso de transcendência *vital*:

Levar de novo a Portugal a Ordem de Cister e colocá-la aos pés da Senhora da Abadia, para ficar em Bouro, sem abandonar o culto à Virgem.

Que a Grande Senhora se digne abençoar estes planos, que sem sombra de dúvida não de reverter em honra e Glória de Deus eno prestígio de Portugal.

Seria maravilhoso que este acontecimento memorável servisse para o relançamento da Ordem de Cister, porque é pena que tendo estado tão fortemente instalada em Portugal seja uma das poucas nações europeias que não têm nenhuma abadia em funcionamento.

É também pena que as casas espanholas não tenham actualmente muita facilidade em ceder um grupo de monges, criaram diversas fundações na América e no terceiro mundo.

Penso que a melhor maneira de conseguir uma função bem firme e rápida seria promover o ingresso de 4 ou 6 jovens num dos nossos mosteiros em Espanha, para aí se formarem, em 3 ou 4 anos e depois criarem a fundação, ajudados por um par de monges espanhóis uma vez que os portugueses não estão capacitados para se *desenvolverem* por si mesmos.

Quero fazer um apelo à juventude Portuguesa para que se decida a levar a cabo esta grande tarefa, de fazer ressurgir em solo lusitano, as proezas de realização dos monges de Cister, através dos seus mosteiros, que foram escola de Santidade e ao mesmo tempo de formação humanística dos povos.

A história de Portugal não se pode escrever sem realçar o grande trabalho colonizador realizado pelos seguidores de São Bernardo.

Frei DAMIÃO NEIRA
Mosteiro de Oseira (Orense)

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

guerra. Condenaram-se a si próprios pelos meios que adotaram, foram traídos pelos seus próprios actos e mau procedimento.

O infante D. Dinis, mais novo, depois daquela atitude de orgulhosa recusa ao beija-mão de Leonor de Teles, que acto contínuo seria vingada pelo cioso irmão, rei D. Fernando, se não fosse a pronta interposição de Aires Gomes da Silva, que fora aio do mesmo rei, e de Gil Vasques de Resende, aio do infante, recolheu-se a Castela onde pediu o comando de um exército e aí casou com D. Joana, filha de Henrique II. Este infante manchou sobremodo e indelevelmente os seus sentimentos de amor filial, tornando-se amigo e companheiro inseparável de um dos culpados no assassinio de sua mãe, Diogo Lopes Pacheco.

O infante D. João, perseguido mais pelo remorso que pelos vingadores do cruel assassinio de sua própria mulher, D. Maria Teles, para casar com sua sobrinha D. Beatriz, a que deu os direitos a D. João de Castela, de se habilitar ao trono de Portugal, e que a mesma tia, Leonor Teles lhe propunha como esperança certa da coroa, também teve de abandonar a pátria e retirar-se, profundamente desiludida para Castela. «Dês-af como vedes, que desejo de reinar é cousa que não receia de cometer obras contra razão e direito, não podia o infante pensar noutra cousa, salvo como havia de casar com o infante (D. Beatriz) e ser quite de D. Maria por morte» (F. Lopes, br. de D. Fernando, cap. CI). Tudo na pátria estranha lhe correu bem, até ao dia em que D. João I de Castela começou a ver interesse no trono de Portugal. Este infante D. João passou por cima de tudo para subir os degraus do trono, mas por lá ficou, tendo casado com D. Constança, igualmente filha de Dom Henrique II.

J. Pereira Baião, na sua crónica de ei-rei D. Pedro, diz: «o Infante D. João perdeu todas as terras e haveres que possuía no reino e o que mais foi — a coroa a que tanto aspirou e os estados lhe queriam dar, ainda que se fez indigno dela por matar cruelmente sua inocente mulher e passar-se a Castela a tomar armas contra a sua Pátria (...) Altos juízes de Deus, que por onde injustamente muitos querem subir, por aí lhes vem a ruína e abatimento».

Todas as forças humanas, e até sobrehumanas, se empenharam em colocar no trono um dos infantes, filhos de Inês de Castro, caso faltasse, por morte de ei-rei D. Fernando, um directo e lídimo sucessor.

Por outro lado, de certas narrações transparece claramente que tudo o que de interesse se levantou à volta da pessoa de D. João de Avis, para elevá-lo, dignificá-lo e honrá-lo das naturais prerrogativas, estados e qualidade que lhe competiam como filho de rei que era, embora bastardo, partiram de fora para dentro e de baixo para cima, do zelo e dedicação de seus parentes pelo lado

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

Viveu em Avis Dona Teresa até à batalha real de Aljubarrota; depois dela, mandou-a ir para Lisboa seu filho, já Rei, e a teve nesta cidade com a devida honra e veneração, e para sua sepultura lhe mandou lavrar uma Capela na Igreja do Convento de S. Francisco da Observância, e aí descansa, mas da sua sepultura não há hoje notícia certa, porque a Igreja foi reedificada e alterada a sua forma antiga; na qual Capela deixou a Dona Teresa um Capelão por sua alma, a que ElRei seu filho acrescentou ao depois da renda, aplicando-lhe o foro de umas casas na Rua Nova. Dada em Lisboa, no 1.º de Outubro, ano do Nascimento de Cristo 1429 e livro 4 da sua Chancelaria, fls. 116, etc.».

A Igreja do Convento de S. Francisco, onde, conforme se refere, Dona Teresa Lourenço teve sepultura condigna, por disposição de seu filho e rei D. João I, situava-se entre o Largo da Biblioteca Pública e a igreja dos Mártires, a qual, antes do terramoto lhe ficava muito próxima. Ver Júlio de Castilho, *Lisboa Antiga*, vol. VIII, pág. 36, e com mais pormenor a *Olissipo de Urbium praecipuarum mundi Theatrum* de Georgio Braunio Agripinate. Por aí repousam suas cinzas mas ao certo perdeu-se a noção do sítio da sua sepultura. Consta que as gigantes cas colunas do frontespício deste majestoso templo ou igreja de S. Francisco, situada no antigo monte do mesmo nome guarneceram depois a frontaria do teatro de D. Maria II no Rossio.

Até aqui os depoimentos e testemunhos dos historiadores e das chancelarias. Voltaremos a este ponto com outros argumentos. Nunca como para o infante D. Pedro se procurou uma consorte digna para garantia da dinastia. Em passo nenhum da vida nacional se mostra mais evidente uma filosofia da história que a *Cidade de Deus*, de Santo Agostinho inspirou, quando a Roma pagã julgou ver chegado o último alento de uma civilização espezinhada pelos Bárbaros e o Santo lhes mostrou quanto era preciso sangue limpo, embora bárbaro e selvagem, para fortalecer gerações contaminadas pela imoralidade pagã.

Aqui, o sangue de um monarca cruel e sedutor foi calcado nas veias de uma jovem indefesa e humilde, procedente de um barão lusitano cuja grandeza se apagou para dar no restaurador e guardião do Santuário, junto do qual jazem seus restos mortais em campa rasa, sabe-se da persistente intervenção do arcebispo de Braga junto de D. Pedro para que contraísse matrimónio. Naturalmente os familiares de Dona Teresa Lourenço, perante as circunstâncias, teriam secundado essa ideia, depois que o drama de Inês de Castro era consumado, convencidos de que não eram superiores os títulos de nobreza dos Castros, a que também pertencia o próprio bispo de Tui. Este confronto teria dado origem a represálias, donde a razão de terem desaparecido dos Livros das Linhagens os



GRANDE HOTEL DA BELA VISTA ★★★

- PISCINA
- PARQUE
- TÊNIS
- GINÁSIO
- GARAGEM
- PARQUE INFANTIL

De 15 de Set. a 15 de Out.
PREÇOS DE PROMOÇÃO
 Uma semana em pensão completa
 com tratamento termal:
42.000\$00

ABERTO
 DE 1 DE MAIO
 A 15 DE OUTUBRO

Telefones: 053 - 36 15 02 B. A. — 053 - 36 11 17 • 053 - 36 11 41 • 053 - 36 15 13 • 053 - 36 15 12 — Fax 053 - 36 11 36

TERMAS DE CALDELAS • 4720 AMARES • PORTUGAL

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

Almeidas e outras violências a que D. Pedro era inclinado quando lhe provocavam o génio.

Uma cega paixão e propósito no sentido de exaltar a memória da sua amada, com a do valimento dos Castros junto de D. Pedro, factor que também esteve em causa para a perdição de Inês, assim como a dos filhos que dela teve, com os quais nunca o D. João Mestre de Aviz confraternizou, pois foi criado inteiramente à parte. Mesmo assim, como acabou de ver-se D. Pedro providenciou sempre para que a Dona Teresa Lourenço, cuja assistência era desde logo indispensável ao filho, o acompanhasse sempre, desde Lisboa entregue a um nobre e honrado cidadão, que morava junto da Sé, até Avis depois que foi levantado por Mestre da Ordem.

Dê-me licença, o caro leitor, de mudar por momentos de assunto.

É que li no último número deste periódico que o Município de Amares acaba de resgatar parte do ediffício do arruinado Convento a qual ainda andava por mãos de particulares. Muita satisfação me trouxe uma tal notícia. Note-se que o Santuário de Nossa Senhora da Abadia sempre andou conotado como Santuário da Fundação, como coincidência dos acontecimentos históricos a partir dos quais a autonomia nacional começou a constituir um facto desde o momento que o célebre recontro de Valdevez marcou uma etapa para o evoluir da história nacional, quando o resultado desse feroz recontro o rei de Leão desistiu de voltar a Guimarães para impor soberania a seu primo Afonso Henriques. Era esta teimosia que fazia vacilar os barões portugalenses, mais que as periódicas investidas da Mourama, que constituía uma segunda frente. Foi esta política de impasse, como hoje soe dizer-se, que encaminhou o companheiro de armas do Conde D. Henrique, Pelágio Amato, ao seguro refúgio da cristandade do seu tempo, no ermitério do velho Castro da Cidadelha no alto de S. Miguel dos montes da Abadia, autêntico baluarte da Cristandade peninsular.

O Convento de Bouro, uma vez restaurado, apontará sempre para o ermitério das montanhas, donde desceram seus antigos habitantes, por conciderarem a terra portuguesa já liberta de inimigos e o lugar do seu primeiro assento inóspito e desabrido.

Os bens, de que as Ordens religiosas foram expoliadas, não deram nem darão sorte a ninguém, porque foram subtraídos pela violência a seus legítimos detentores, para serem vendidos e com o produto da venda remunerar os principais chefes das campanhas militares que deram a vitória de uma guerra civil a D. Pedro IV, mação como os seus principais colaboradores, Mousinho e o Mata-frades. Poucos meses sobreviveu a tão desgraçado gesto o infeliz

MOSTEIRO DE BOURO — MOSTEIRO DAS MONTANHAS

príncipe que o acalentou no seio a serpente que não tardaria a devorar-lhe os últimos rebentos da dinastia, D. Carlos e o príncipe herdeiro.

Contou-me, há tempos, pessoa de toda a responsabilidade que um ex-monge beneditino lhe dissera não haver grande importância em possuir bens das Ordens religiosas. Que outra informação poderia dar um ex-monge professo que apostatou, profanando o próprio carácter pessoal de que estava investido?

Se todos procedessem do mesmo jeito, seria a inversão e o aniquilamento total de valores.

Não se perca de vista aquela passagem do último número deste quinzenário (18), de que o Mestre da Ordem de Cristo amava o menino e zelava o seu acrescentamento, *como de um tal parente*, garantida por Frei Jerónimo Roman, a qual há-de explicar muitas situações.

E prossigamos no assunto que trazíamos: — D. Pedro dotou, em seu testamento, os filhos que houve de D. Inês de Castro, deixando oitenta mil libras a cada um e cem mil à filha Beatriz, o que não fez em relação ao Mestre de Aviz, que nem lembrado é em tal testamento. Manifestou até à hora da morte uma paixão saudosa e absorvente por ela, jurando até essa hora derradeira que ela fora sua mulher legítima.

Criado à margem do pai, o Mestre de Avis foi mesmo obrigado a sentir e a manter-se a uma certa distância dos infantes seus irmãos, cujos direitos e primazia ele foi o primeiro a defender, como que reconhecendo a inferioridade do seu nascimento; e este seu estado psíquico revela-o ele quase até ao momento de subir ao trono. — «que dava a Deus muitas graças e lhe era muito teúdo lhe poer em coração e vontade de o haverem de eleger pera tão alto estado, e a eles agradecia muito o bom desejo que contra elle outrosim sentia em si que não era nem podia ser sufficiente pera suffer em si tal honra e dignidade como era o regimento real, maiormente que elles eram certos que havia taes embargos assim no dafeito da sua nascença...» (F. Lopes, 1.ª p.te da or. de D. João CLXXXII. Mas, de entre os bons portugueses, que ainda os havia, os prelados, os fidalgos e os representantes do povo, que já constituía uma grande força foram antes buscar, à simples condição de Mestre de Avis o filho de D. Teresa Lourenço, elevando-o, por força da sua quase obscuridade, ao trono de seus avós.

Sobre aqueles tremendos esforços de honrar e dignificar os filhos queridos da sua simpatia, a seu tempo qualquer dos dois infantes deu largas à ambição de ser rei de Portugal, e, com esse premente desejo, várias vezes entraram mesmo na sua pátria a aliciar partidários, calcando-a e talando-a em som de

ACTIVIDADES NO CENTRO DE FORMAÇÃO DE ARTES E OFÍCIOS TRADICIONAIS (ARTESANATO) DE COVIDE

ALUNAS DA UNIVERSIDADE DO MINHO FAZEM TRABALHO SOBRE O LINHO

Um grupo de nove estudantes do 3.º ano do Curso de História e Ciências Sociais da Universidade do Minho, elegeu o Centro de Formação de Artes e Ofícios Tradicionais (Artesanato) de Covide para a realização de um trabalho, sobre o processo de transformação do linho no âmbito da cadeira de Práticas Pedagógicas.

Foi-lhes contada a história do linho, as várias fases que atravessa, até chegar ao produto final, sendo algumas dessas fases exemplificadas. Ficou assim este grupo eluci-

dado, sobre as transformações que a planta do linho sofre, até se tornar em peças de decoração, de vestuário ou para uso doméstico.

A este grupo queremos dar os parabéns, por se interessar por algo que infelizmente é muitas vezes esquecido e mesmo desconhecido: o linho e o seu processo de transformação.

Gostaríamos que este grupo servisse de exemplo e incentivo a outras pessoas, para que também se interessem por algo tão bonito e tradicional como é o linho.



MULHERES DE MONTALEGRE NA RECUPERAÇÃO DAS TRADIÇÕES

O Centro de Formação de Artes e Ofícios Tradicionais (Artesanato) de Covide foi o local escolhido pela Associação «Espaço de Informação Mulheres de Montalegre» em parceria com o CIAMM's (Centro de Informação e Apoio à Mulher do Minho) de Terras de Bouro, para mostrar a um grupo de 24 senhoras de Montalegre, mais concretamente de Pitões, o que se pode fazer na recuperação de tradições e mostrar também, que é possível conciliar o preservar de uma tradição que se vinha a perder e a criação de postos de trabalho.

Esta Associação pretende num futuro próximo, ministrar a este grupo uma acção de formação a longo prazo (8 a 10 meses), sobre os bordados típicos de Montalegre, que infelizmente se vinham a perder. Ambicionando também a criação de um Centro de Artesanato, não só para a divulgação de bordados de Montalegre, mas também para a criação de postos de trabalho.

Depois da visita o grupo ficou mais entusiasmado e mais incentivado, visto terem constatado que aquilo que pretendem fazer, já foi feito noutra sítio e com sucesso.

ACÇÃO DE FORMAÇÃO COM NOVAS TÉCNICAS DE PINTURA

Por iniciativa da Associação para o Desenvolvimento Adere-Minho, foi organizada uma acção de formação com novas técnicas de pintura.

Esta acção de formação inicialmente realizada na sede da Adere-Minho em Terras de Bouro e depois prolongada no Centro de Formação de Artes e Ofícios Tradicionais (Artesanato) de Covide, contou com a participação de um grupo de jovens de Covide. Grupo que demonstrou muito interesse e gosto pelo trabalho que executou.

Estas novas técnicas de pintura estão a ser aplicadas nos tecidos e objectos tradicionais no Centro de Formação de Artes e Ofícios Tradicionais (Artesanato) de Covide, que procura assim dentro dos seus objectivos de preservação do típico e tradicional, fazer inovações. Na sede do Jornal «O Comércio do Porto», na Avenida da Liberdade, em Braga, está patente uma exposição com trabalhos em que foram usadas as técnicas de pintura, aprendidas na acção de formação acima referida.



ENCONTRO DE ARTESÃS DO CONCELHO DE TERRAS DE BOURO

Realizou-se no Centro de Formação de Artes e Ofícios Tradicionais (Artesanato) de Covide, um encontro — promovido pela Adere-Minho, Associação para o Desenvolvimento — entre todas as artesãs do Concelho de Terras de Bouro, tendo como objectivo recordar a postura da mulher na sociedade.

Estiveram neste encontro representadas várias instituições, nomeadamente o I.E.F.P. (Instituto de Emprego e Formação Profissional), a Repartição de Finanças de Terras de Bouro, o Centro Regional de Segurança Social, a Adere-Minho (Associação

para o Desenvolvimento) e a Câmara Municipal de Terras de Bouro, representada pelo seu Presidente, Dr. José Araújo, que incentivou com grande entusiasmo, o papel da mulher e as suas potencialidades neste trabalho, tão característico do concelho, em que se pode produzir grande riqueza, da qual nos podemos orgulhar e oferecer aos que nos procuram.

Este encontro foi finalizado com um convívio e lanche entre as representantes das Instituições e as várias artesãs. Esperamos que este encontro tenha sido produtivo para todas que nele participaram.

SOUTO

3.º TORNEIO DE FUTEBOL DE SALÃO NA A.C.R.D.

Dando continuidade aos torneios dos anos anteriores, a A.C.R.D. de Souto vai levar a efeito a partir do dia oito de Maio até 19 de Junho, o 3.º Torneio de Futebol de Salão, que se realizará durante as noites de terça, quinta e sábado, no seu recinto desportivo. Participam neste tor-

neio 12 equipas, provenientes não só do nosso concelho mas dos concelhos vizinhos de Amares e Vila Verde.

Apela-se à população do Vale do Homem, que queira passar umas horas agradáveis, se dirigirem nos dias acima indicados ao Ringue Desportivo de Souto.

ASSEMBLEIA GERAL DA A.C.R.D.

Realizou-se no passado dia 22 do corrente pelas 22 horas, na sede desta Associação, a primeira assembleia geral do ano de 1994, com a seguinte ordem de trabalho:

1 — Apresentação, discussão e aprovação do plano de actividades.

2 — Análise de assuntos inerentes à Associação.

Nesta assembleia com uma participação reduzida, se atendermos aos 343 sócios activos, analisaram-se vários pontos tendo sido reconhecida a necessidade de alteração dos Estatutos, sendo o assunto mais polémico e participado, tendo este ponto ficado agendado para uma assembleia extraordinária a realizar brevemente.

A minha coluna

Ao deslante a que se chegou!

Lilian Ramos, uma menina do Ceará, desconhecida de toda a gente, concerteza somente conhecida no seu acampamento do interior do Brasil, passou, como um fogacho, para a ribalta mundana, a nível brasileiro e, vejam só, a nível mundial. É mais conhecida hoje que o arroz de quinzê. No Ceará, «aos dezoito anos, havia épocas que eu tinha dois ou três namorados». Parece ter ganho milhões, só porque naquele sambódromo, quando ajuntada com o caquético Presidente do Brasil, Itamar Franco, «se esqueceu das calcinhas». Mas do que ela não se esquece, é o esqueces, é «do preservativo na bolsa». Ai, não! Imaginem, agora, a escultural beldade, de barriga à boca! Quanto à bolsa, não há nada a comentar, cada um ou cada uma de nós traz na bolsa aquilo que quer. Numa entrevista «exclusiva» à revista NOVA GENTE/SIC, uma entrevista tão comprida como a burriceza

humana, após muitas respostas fofas, à volta do sexo, a que um brasileiro de toma-viagem, camiliano, chamava sexo, nudez e namorados novos e velhos (a dama, pelos vistos é de boa boca), todas aquelas baboseiras estampadas na colorida e elegante publicação, apesar de tudo, fazem-nos querer que Lilian Ramos passou, talvez, a ser, a partir de agora, a melhor embaladora, no estrangeiro, das porcarias e das sujeiras que se passam no tal país irmão (irmão de quem?). Vejam só algumas das suas afirmações: «Eu posei nua para a Playboy porque, no Brasil, isso dá estatuto». Gosta de se despir? «Para mim é um trabalho profissional como outro qualquer... Posar nua não me violenta». É uma mulher quente? «Quem tem de dizer são os meus namorados... Penso que eles gostam...». Usa preservativo? «Eu uso. Mesmo que a pessoa me apresente o teste de AIDS negativo, como é que vou saber? O preservativo é fundamental, especialmente no meu caso: eu não gosto de drogas, não sou hemofílica, o único risco que tenho é a rela-

ção sexual. Quando não tenho namorado, trago sempre preservativo na minha bolsa... «Sonhos eróticos, quais? «Eles são tão normais, tão românticos... eu sou do tipo de gostar de fazer amor numa ilha deserta com um homem apaixonado. Penso que é um lugar muito afrodisíaco...». E, no fim da entrevista, o despudor, o destempero, o descaramento, a ignorância crassíssima, a brincadeira com «coisas» muito sérias e transcendentes, a bomba. É católica? «Sou, mas não vou todos os domingos à igreja. O meu maior ídolo (sic) é Jesus Cristo e tenho muita fé (também sic)». Quem poderá tomar conta da língua e dos desbragamentos destas barregãs, Deus meu e minha Nossa Senhora? Talvez nenhum poder do mundo o consiga. Mas pode Deus. Deixar cair um pouco de enxofre nesta trampa toda, uma trampa tão grande que bafora pela atmosfera um cheiro insupportável.

Alexandre Vaz

Ver televisão com critério aconselha o Papa

A Televisão, como é fácil de verificar, pode enriquecer como empobrecer a vida familiar. É para isso mesmo que chama a atenção, muito oportunamente, a mensagem de João Paulo II para o «Dia Mundial das Comunicações Sociais». O Papa quer evidenciar «especialmente as responsabilidades dos pais, dos responsáveis pela indústria televisiva, das autoridades públicas e daqueles que, na Igreja, assumiram responsabilidades no campo pastoral e da educação». E fá-lo porque está convencido que, «nas mãos dessas pessoas, reside o poder de tomar a Televisão um meio cada vez mais eficaz para ajudar as famílias a desempenharem o seu papel próprio como força para a renovação moral e social».

João Paulo II confia, particularmente aos pais, a missão de «ajudar activamente a formar nos seus filhos hábitos de ver que conduzam a um saudável desenvolvimento humano, moral e religioso». No pressuposto de que eles próprios estão habilitados a servir de guias com discernimento, recomenda: «os pais deveriam discutir com os filhos sobre Televisão, orientando-os na escolha da quantidade e qualidade daquilo que vêem, bem como a compreenderem e avaliarem os valores éticos veiculados por determinados programas». Se calhar, às vezes, também é preciso desligar os televisores e completar o seu papel com outras «fontes de informação, entretenimento, educação e cultura».

O Papa aconselha também os pais a «mani-

festar as suas próprias e legítimas preocupações aos dirigentes e produtores dos meios de comunicação social», formando, inclusivamente, «associações que representem os seus interesses em relação aos meios de comunicação social, aos patrocinadores e anunciantes de publicidade e às autoridades públicas».

João Paulo II não esquece, ainda, as «responsabilidades morais para com as famílias» de todos os promotores dos conteúdos de polarização veiculados através dos «media», em particular da Televisão. Recomenda que as «questões sérias», numa abordagem televisiva, deveriam ser «enfrentadas com responsabilidade, evitando formas de sensacionalismo e com uma preocupação sincera pelo bem da sociedade, e ainda com uma consideração escrupulosa pela verdade».

Diz, finalmente, que «a indústria televisiva deveria desenvolver e respeitar um código ético que comporta um compromisso de servir as necessidades das famílias e de promover os valores em que se apoia a vida familiar», sugerindo a vantagem de se criar «conselhos dos órgãos de co-

municação, integrados por representantes tanto da empresa como do público em geral». O que João Paulo II sonha é com canais de Televisão, públicos ou privados, que «não constituem uma reserva particular para interesses comerciais ou um instrumento de poder ou propaganda para elites sociais, económicas ou políticas, mas existem para servir o bem-estar da sociedade no seu conjunto».

O «Dia Mundial das Comunicações Sociais», como se sabe, é uma iniciativa da Igreja Católica, iniciada em 1967, já depois do Concílio Vaticano II (1962-1965), para chamar a atenção dos cristãos e de outras pessoas de boa vontade para os maravilhosos meios de comunicação social, postos, como se pretende, ao serviço da comunhão e do progresso das pessoas e das sociedades. Seria bom a consulta de cada uma das mensagens pontifícias do «Dia Mundial das Comunicações Sociais», que completam, a seu modo, os documentos conciliares e pós-conciliares sobre o mesmo tema: decreto «Inter mirifica» e exortações pastorais «Communio et progressio» e «Aetatis navae».

MÓVEIS ALVES

DOMINGOS DA SILVA ALVES & FILHOS, LDA.

- Móveis completos e avulso
- Colchoaria normal e ortopédica
- Grande gama em candeeiros lustres cristal
- Os melhores modelos de sofás camas em tecido e pele

VISITE-NOS:

AMARES: Rua Marques Rego — Telefone 99 34 35
VILA VERDE: Praça da República — Telefone 31 16 83
RENDUFE: Fábrica e Armazém — Telefone 31 14 52



A MODELAR

IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO, LDA.

TIPOGRAFIA
ENCADERNAÇÃO
OFFSET
COMPOSIÇÃO
POR COMPUTADOR
PAPELARIA

LIVROS E IMPRESSOS PARA:
Registos Cíveis • Registos Prediais • Tribunais Judiciais
Cartórios Notariais • Caixas de Crédito Agrícola Mútuo
Casas do Povo • Repartições de Finanças
Juntas de Freguesia, etc.

GRANDE VARIEDADE DE MATERIAL DE ESCRITÓRIO
DIDÁCTICO • LIVROS ESCOLARES • ELECTRODOMÉSTICOS, ETC.

REVENDEDORES DE PRODUTOS **GALP**
COM POSTO DE ABASTECIMENTO

TELEFONE: (053) 99 31 13 — FAX: (053) 99 38 26 — FERREIROS - FEIRA NOVA - 4720 AMARES

TALHO IDEAL

— DE —

Herdeiros Agostinho César Vieira

As melhores
carnes verdes
e fumadas

Telef. 993141 • FEIRA NOVA — 4720 AMARES



CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Os recursos que nos são confiados são aplicados na criação de novas fontes de riqueza.

Riqueza também para si que conosco investe em segurança no desenvolvimento do País.

De solidez centenária e dimensão que ultrapassa fronteiras, a CGD dá hoje a resposta precisa aos desafios da integração Europeia.

A nossa experiência garante segurança e rigor em todas as operações financeiras, num mercado cada vez mais alargado e competitivo.

Estamos perto de si, em mais de 500 Balcões.

Conte conosco.

DESPORTO

Nacional da I Divisão

RESULTADOS

Farense - Salgueiros	4-1
Paços de Ferreira - Vitória de Setúbal	1-1
Sporting de Braga - Belenenses	4-2
Famalicão - Estrela da Amadora	0-2
Marítimo - Sporting	2-1
Benfica - União da Madeira	1-0
Beira Mar - Gil Vicente	1-0
Estoril - Vitória de Guimarães	2-1
F. C. Porto - Boavista	1-0

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Benfica	31	22	7	2	70-24	51
F.C. Porto	31	19	9	3	54-15	47
Sporting	31	21	4	6	64-27	46
Marítimo	31	12	10	9	43-39	34
Farense	31	13	7	11	43-41	33
Boavista	31	14	5	12	41-30	33
Vit. Guimarães	31	11	10	10	29-28	32
E. Amadora	31	8	14	9	35-33	30
Salgueiros	31	13	3	15	46-49	29
Belenenses	31	12	5	14	37-47	29
Gil Vicente	31	9	10	12	26-44	28
Vit. Setúbal	31	11	6	14	48-41	28
U. Madeira	31	10	7	14	32-40	27
Sp. Braga	31	9	8	14	30-38	26
Beira Mar	31	8	9	14	25-36	25
P. Ferreira	31	6	11	14	28-45	23
Famalicão	31	7	7	17	26-68	21
Estoril	31	4	8	19	20-52	16

PRÓXIMA JORNADA (25 Maio)

Vitória de Setúbal - Salgueiros
 Belenenses - Paços de Ferreira
 Estrela Amadora - Sporting de Braga
 Sporting - Famalicão
 União da Madeira - Marítimo
 Gil Vicente - Benfica
 Vitória de Guimarães - Beira Mar
 Boavista - Estoril
 F.C. Porto - Farense

MELHORES MARCADORES

18 golos: Yekini (Vitória de Setúbal)
 16 golos: Kostadinov (F.C.Porto)
 15 golos: Drulovic (F.C.Porto), Balakov (Sporting)
 Hassan (Farense)
 12 golos: Fernando (Estrela da Amadora), João Pinto (Benfica), Isafas (Benfica), Chiquinho Conde (Vit. Setúbal)
 11 golos: Ziad (Vit. Guimarães), Jorge Andrade (Marítimo), Ailton (Benfica)
 Sá Pinto (Salgueiros)
 9 golos: Marlon (Boavista), Ricardo (Estrela da Amadora)

II Divisão B (Zona Norte)

RESULTADOS

Lousada - Vila Real	0-0
Marco - Paredes	3-0
Lixa - Sandinenses	2-1
Varzim - União de Lamas	0-1
Infesta - Fafe	3-2
Maia - Amares	4-1
Lourosa - Esposende	4-3
Moreirense - Vizela	2-0
Ermesinde - Ronfe	0-7

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Moreirense	31	21	4	6	69-34	46
União de Lamas	31	20	5	6	56-28	45
Lourosa	31	15	10	6	63-35	40
Maia	31	16	7	8	46-28	39
Lixa	31	14	8	9	37-38	36
Ronfe	31	8	17	6	37-33	33
Fafe	31	12	8	11	47-44	32
Marco	31	12	8	11	37-28	32
Varzim	31	12	7	12	41-46	31
Esposende	31	10	10	11	36-34	30
Infesta	31	11	7	13	54-63	29
Lousada	31	9	11	11	38-50	29
Vizela	31	9	10	12	40-36	28
Vila Real	31	9	9	13	29-31	27
Sandinenses	31	8	10	13	31-38	26
Paredes	31	4	13	14	25-36	21
Amares	31	8	5	18	28-58	21
Ermesinde	31	1	11	19	19-73	13

PRÓXIMA JORNADA (25 Maio)

Paredes - Vila Real; Sandinenses - Marco; União de Lamas - Lixa; Fafe - Varzim; Amares - Infesta; Esposende - Maia; Vizela - Lourosa; Ronfe - Moreirense; Ermesinde - Lousada.

Distrital II Divisão — Série C

Série C — RESULTADOS

Selho, 6 - S. Nicolau, 1; Antime, 1 - Briteiros, 0; Arões, 0 - Pica, 1; Rossas, 1 - Campelos, 2; Fermilense, 1 - Cepanense, 2; Santo Estêvão, 2 - Gonça, 1; Mosteiro, 1 - Outeiro, 1; Vasco Gama, 2 - Terras Bouro, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Briteiros	28	18	6	4	70-26	42
Santo Estêvão	28	18	4	6	61-34	40
Campelos	28	17	5	6	52-29	39
Cepanense	28	14	7	7	38-26	35
Selho	29	13	7	9	49-35	33
Gonça	28	9	13	6	40-36	31
Arões	28	10	10	8	34-24	30
Antime	29	11	8	10	38-29	30
Pica	28	10	10	8	30-31	30
Vasco da Gama	28	12	6	10	39-33	30
Mosteiro	28	10	8	10	30-32	28
Outeiro	28	7	10	11	30-40	24
Rossas	28	7	9	12	25-41	23
Terras do Bouro	29	8	6	15	35-37	22
Fermilense	28	7	6	15	22-41	20
Figueiredo	28	3	6	19	33-75	12
São Nicolau	29	4	3	22	30-87	11

Próxima jornada (29 Maio)

Terras Bouro - Selho; Figueiredo - Antime; Briteiros - Arões; Pica - Rossas; Campelos - Fermilense; Cepanense - Santo Estêvão; Gonça - Mosteiro; Outeiro - Vasco Gama.

Distrital III Divisão — Série B

Série B — RESULTADOS

Lage, 0 - Este, 1; Leões FC, 1 - Cabanelas, 0; Sobreposta, 1 - Lanhas, 2; Águias FC, 2 - Patrimonsense, 4; Enguardas, 2 - Santa Tecla, 2; Arsenal, 1 - Peões, 0; Caldela, 3 - CD Amares, 1.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Este FC	26	16	9	1	65-19	41
Lanhas	27	14	9	4	48-28	38
Arsenal	26	15	7	4	55-27	37
Pedralva	27	12	10	5	41-32	34
Cabanelas	26	15	3	8	51-35	33
Enguardas	26	12	6	9	47-36	30
Arcos	26	11	7	8	31-30	29
Leões	27	12	4	11	41-34	28
Lage	27	10	7	10	49-42	27
Caldela	26	9	8	9	39-32	26
Patrimonsense	26	9	7	10	36-33	25
Santa Tecla	27	8	8	11	43-43	24
Peões	27	7	5	15	32-45	19
Sobreposta	25	5	4	16	27-55	14
CD Amares	27	4	4	19	24-55	12
Águias FC	26	2	2	22	17-101	6

Próxima jornada (29 Maio)

Este FC - Leões FC; Cabanelas - Sobreposta; Lanhas - Águias FC; Patrimonsense - Enguardas; Santa Tecla - Arsenal; Pedralva - Caldela; CD Amares - Arcos.

Distrital III Divisão — Série C

Série C — RESULTADOS

Gerês, 1 - São Paio, 2; São Lourenço, 1 - Silvares, 1; Estorãos, 2 - Armil, 1; Travassós, 0 - Águias Alvite, 2; Gandarela, 1 - Estrelas Vermelhas, 1; Santa Cristina, 2 - Paços, 2; Regadas, 4 - U. Moreirense, 3; Cavez, 1 - Guilhofrei, 2.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	E	D	F-C	P
Guilhofrei	29	20	5	4	67-23	45
S. Paio Vizela	29	18	7	4	58-22	43
Estrelas Vermelhas	27	17	4	6	65-30	38
Gandarela	27	15	6	6	41-24	36
Águias Alvite	28	15	6	7	58-23	36
Regadas	28	13	8	7	45-28	34
Santa Cristina	28	12	6	10	52-52	31
Travassós	28	11	6	11	43-37	28
Silvares	28	9	9	10	29-39	27
Armil	28	9	8	11	42-41	26
União Moreirense	28	9	7	12	45-45	25
Ventosa	28	9	5	14	38-44	23
Paços	28	8	7	13	34-49	23
Gerês	28	6	8	14	28-49	20
Estorãos	27	5	8	14	34-62	18
Cavez	28	5	6	17	24-51	16
São Lourenço	29	3	2	24	14-98	8

Próxima jornada (29 Maio)

Gerês - São Lourenço; Silvares - Estorãos; Armil - Travassós; Águias Alvite - Gandarela; Estrelas Vermelhas - Santa Cristina; Paços - Regadas; U. Moreirense - Cavez; Guilhofrei - Ventosa.

Assine e divulgue «A VOZ DA ABADIA»



FUNERÁRIA SANTA MARIA



Agência funerária

Com Carro Fúnebre próprio

Trata de toda a documentação de funerais.
 Funerais e Transladações para todo o País.
 Coroas e Palmas em flores naturais.
 Ornamentação de Andores e Cruzes Pascais.

Telef. 371195 / 79244

Bouro (Santa Maria) 4720 AMARES

PADARIA UNIVERSAL

de António José Fernandes

ESMERADO SERVIÇO DE PÃO E PRODUTOS AFINS

Fabrico e venda de pão especial aos domingos para tornar o seu almoço mais apetitoso. O pão é o melhor e mais barato dos alimentos. Prefira o da PADARIA UNIVERSAL

TELEFONES 371125 e 371346 — SANTA MARIA DE BOURO — AMARES

CRÓNICAS SELVAGENS (34)

Da varanda traseira da minha residência vislumoro, lá em cima, na corcova, o casario de Cucana, com a Orada penedosa, à desbanda, a levantar o seu toutiço bronzeado e as inúmeras franjas reverdecidas e amarelejadas, sobrepujando-se, em muito, a mil e mil aldeias castiças por uma vastidão onde os olhos se perdem.

Cucana que hoje ninguém mais consegue transformar em nova uberdade, para os de dentro e os de fora.

E tenho pena, muitas penas de que a maioria dos meus conterrâneos não conheçam a sua terra e passem a galope, apressados. Desenraçados, lá vão levando uma vida mais ou menos aleatória, monótona e, quiçá, mesquinha.

Cucana desperta-me fortes recordações e emoções indefiníveis. Ali se viveram bem vividos, casos, dramas, epílogos sangrentos e também «estórias» lindas de embalar corações.

Mas a que primeiramente eu quis, é agora a vez de contá-la, não foi nada linda, meu Deus!

Ah! como aquela tarde, igual a tantas outras tardes, faceirosa e morna, mas a atrair, como um íman, a envolver capciosamente como um destino inimigo e imperturbável, homens talados pela impetuosidade, pela bravura e aspereza da serra, para ao depois dos ímpetos moiriscos ou celtas derramarem sangue, em poceira, no saibro do caminho.

Subi há dias a Cucana e fui procurar, com o coração em alvoroço e o plasma a borbolar nas minhas veias túrgidas, a memória viva, a Casa do Cantador — aquele cantador que maravilhou feiras e romarias — com o receio, bem apercebido, de ir abrir uma ferida funda, rasgada a fogo, que talvez tivesse cicatrizado pelo poder dos anos e da vida laborinha e engenhosa daquele povo.

Olho, ao fundo, e vejo-me há trinta e três anos, com vinte e quatro, em Passos, e sinto-me amargurado com a lembrança da tragédia e velho em demasia para aguentar no odre da minha frágil memória, um «memorial» que vivi e revivi, e só raras vezes acalentei.

Só Deus sabe e os meus santos do paraíso testemunham.

A taberna lá estava, com o seu ramo de loureiro bem fresco e oloroso. Sentia-se no cheiro e nos murmúrios dolentes da copa das árvores sobranceiras um fio de navalha a cortar o espaço e o tempo.

Uma história de quartilhos, intriga, animosidades, rivalidade, invejas escuras no fruir de caçadas úberes na serra farta e generosa, de tombadoiros de lenha para enfrentar a inverneira, tudo, junto, coisas futeis para o vulgaríssimo dos comuns, mas que crescem, cresceram tanto, tatinho, como fantasmas medonhos, à maneira das montanhas abruptas que parecem cercá-los. Um fim de feira na Lameira, dois homens mortos, estendidos no chão, uma turba que acorre ligeira, incontida, multiforme apinhou o caminho e o desemboque, junto da poceira de água esverdeada e limosa.

Apesar de amigos, de um bom vizinhar, várias vezes o senhor Manuel Ferreira, o Cantador e outros, enfurriavam.

A noite caía mansa como um docel de paz e o Ferreira vivo e o Cantador e o companheiro mortos, estiraçados, à espera, com a turba, das autoridades.

Nossa Senhora!

Calaram-se os galos, calaram-se os grilos, calaram-se os cães, calaram-se as aves, espavoridas a seus ninhos, rebanhos desceram na calada, umas cantigas populares que ainda ecoavam, lá para as quebradas de S. Clemente de Basto, emudeceram, uma surdina melancólica, um fluxo eléctrico pairou na atmosfera.

Um pasmo ficou por muitas horas contido nas almas e do pano do céu, agora estrelado, caiu um orvalho manso de tristura.

A vida... a nossa vida... cheia de cruces nos cemitérios, nas encruzilhadas dos caminhos velhos das serranias — Chancela, Passos, Ribeiro do Gato, Torrinheiras («homem morto»).

De cada cruz que encontro nos meus deambuleios por monte e montanhas sagradas, uma triste cruz num murete, numa borda alta, numa

penedia, vejo desprender-se dela uma alma errante que se quer acolher também a mim, pobre de mim, e, então, levanto a cabeça ao céu, resumo em segundos o drama, e ergo uma simples prece ao Deus Todo Poderoso.

A Morte entrelaçada no mistério da misericórdia divina!

Naquela noite tenebrosa o senhor Ferreira desaparecera e por montes e valados foi ter a Fafe e bateu à porta do seu amigo, médico e companheiro afoito de caçadas, Dr. Campos Soares — o Dr. Batoca.

Ensaíou-se o teatro judicial, segundo a esposa e a filha do matador, o crime foi mal contado no Tribunal.

Cada um, de per si, apesar de falecidas todas as testemunhas, ainda tem hoje a sua versão, a sua verdade.

É certo que dois homens morreram instantaneamente, com dois tiros certos na arca do peito.

Do peito, de onde o Cantador aspirava e depois esgrimia as suas quadras populares.

A senhora professora lia-lhe, em livros andejos de mão em mão, mormente a Bíblia, e dava-lhe, desse modo, os motes para o sagrado. Porque o Cantador cantava o profano e o sagrado com a mesmíssima maestria, apesar de não conhecer uma letra do alfabeto, que as letras do seu alfabeto eram os calos das mãos com que grangeava as leiras e os campos dos amos.

Não sabia ler... mas era genial, uma chama ardente no verso espontâneo, fogoso, belo e rico de temática e cadência.

— Que o Cantador de Cucana não era eufião, não senhor — oiço ainda umas vozes distantes e difusas.

Horas a fio e nem o luar alto ou o frio sibilino arredava os admiradores especados da cantoria deslizante, irónica, carinhosa, meiga, patética, fresca como a água de uma fonte, borbulhante como lava de vulcão que se extingue, reconfortante como o calor tépido de uma meia manhã de primavera.

A multidão podia ir diminuindo, mas não desistia e o Cantador desafiava e estuporava a noite.

Poetas do povo, poetas da lida campestre, da paisagem quintaleja, do lance heróico na montanha, para onde ides, que não cantais?

Entro na casa da viúva — «viuvinha bota luto...» — e fico meio atónito. Há que mundos que não a via a esta mulher! Louçã, fresca como uma alface, reguila, suamatreirice.

Em solteira, todos os rapazes pendurados do beicinho da rapariga. Via bem como os homens de olho garoto a desnudavam nos seus dezoito anos, mas guardava-se sã, para um que a merecesse, para um que a amasse, enfim, um que viria a amá-la — o Cantador.

Noivaram nove meses, tantos quantos lhe levaram a gerar cada um dos cinco filhos e duas filhinhas, que morreram, uma aos primeiros meses, a outra com quatro anos.

Agradeceu-lhe com um beijo e enroscou-se nele como gata mimalha.

A sua carne por debaixo da camisa de linho, os seios a florar como dois pomos mimosos e duros, tentadora como fruto humífero e sadio.

Gabava-se diante dele, a sós:

— Sou benfeitinha, não sou?

E a menina de quatro anos:

— Mãe, o pai?

— Dorme, filha... O pai volta amanhã...

Tinham passado muitos manhãs.

Entrançando-lhe os cabelos, a mãe já não sabia o que lhe dizer.

— Mãe, eu queria ver o pai a cantar...

O canto do rouxinol nos limoeiros, trazia-lhe, como um vento agudo, saudades doridas.

E gemendo e mirrando a menina se finou e no regaço da Senhora da Orada se acolheu.

Agora, Carminda, embrulhada no seu xaile de castorina, os olhos mortiços, o cansaço da vida e da dor, um derrame cerebral.

E voltamos a conversar e a recordar. Recordações atribuladas, penosas, aflitivas. Chegaram a picar-me na consciência pequenos remorsos de ir desinquietar uma data, uma memória, uma dor, um amor dos antigos, casto e sublime, de violar um inviolável alçapão do passado.

Nervosento, esmigalhei a porcaria da cigarrilha na pedra do lar e fiquei um pouco cabisbaixo, sem vontade de fixar os meus olhos nos olhos viúvos de Carminda.

Pareciam brasas amortecidas, apagadas.

— Mas porque aconteceu aquilo?

— Ora, porque estava escrito!

Atentou no que dissera e caiu-lhe a alma aos pés.

Sai daquela casa fatigado de remexer as águas quietas, com medo de que estas salpicassem de novo o âmago, a fundeira, diluída, da sua alma, a recordação, a espaços, dessa tarde maldita, e que eu não fora, de modo nenhum, uma companhia balsamificadora, antes um gume a esgarçar a fibra mais sensível de uma mulher que a morte separou do marido a destempo, há mais de uma trintena de anos.

O meu pensamento voador adejou de novo para aquela tarde de redemoinhos furiosos.

O senhor Manuel Ferreira, defendeu-se, depois, de um ano preso na cadeia das Pereiras, perante o Colectivo, no dia do julgamento. Que, ao querer escapar-se, o embarraram, o pisaram no chão. Que puxou de uma navalha, que abriu, para os atemorizar, e só depois apontou a pistola com a mesma pontaria e eficiência com que acertava nos coelhos e nas perdizes. Caça, era com ele. Parecia um furão. Despejava-a pelos amigos e papantes da valeira e da Vila comilona e ciosa de tão boa e apreciada carne do monte.

Não mais veria uma perdiz a levantar voo de esquelha, um coelho a pincharolar num matião. Uma perdiz a cair de asa quebrada, uma lebre pesada a arrastar as patas.

Fora condenado a 22 anos de prisão celular.

Com a vida já estendida de anos, com um horizonte de cela e gradeado, de sombras e elucubrações pantanosas, não suportando o pesadelo infernal, a carga psicológica, a lonjura dos familiares e amigos, deixou cair, enfim, passados nove anos, aquele fardo pesado, de uma existência sem sentido e sem alívio, com o estômago ulcerado, a golfar sangue e pus pela boca; e, de Caxias, apenas o seu corpo foi transportado entre guardas prisionais, ao cemitério de Benfica, onde jaz, num talhão anónimo, o talhão dos desgraçados deste mundo.

As vidas tragicamente desencontradas destes três homens vizinhos de Cucana, os rumores abafados, as consciências libertas ou não, aqueles e aquelas que morreram de há trinta e três anos para cá, os vivos a envelhecer, a memória a desfazer-se em lodo, o sangue a escoar na ampulheta do tempo, a moçarada a escapar-se ao flagelo da aldeia desabitada e nua, e com mais uma dúzia de anos por cima, uma pedra tumular cobrirá de todo aquele fim de tarde triste e nostálgico.

Ficarão, por mais algum nico de tempo, nos ouvidos, as trovas lindas do trovador de Cucana e da sua infeliz e desditada morte.

Cantador de Cucana que deliciaste, que afa-gaste, que acariciaste a minha ténue sensibilidade para as coisas belas e imorredoiras, eu te agradeço, eu te bendigo por toda a correnteza, breve ou longa, da minha pobríssima vida!

Os teus versos, como perfumes exauridos de uma memória prodigiosa e de um coração de embalar, ainda murmurejam, como um fio de água calmo e refrigerante dentro do meu peito.

Dou de barato o resto que a civilização de hoje me proporciona, aos golfões.

Ou eu não entendo a vida ou a vida não me entende a mim.

Para que o acontecido nos passos perdidos da azinhaga escondida, numa dobra daquela serra benfazeja, permaneça gravado na história regional, ainda que a letras de bronze, eis a razão primeira desta crónica.

E que Deus nos perdoe a todos.